

Â Â Â Maria Teresa ArsÃ©nio Nunes

Um dos aspectos que mais marcam a poesia de Ant3nio Gede3o 3 aquela esp3cie de serenidade primordial que a cada verso alisa as arestas do tempo. Que uma lisura a identifica.

AntÃ³nio GedeÃ£o escrevia como quem vai fazendo o diÃ¡rio compassado de uma perplexidade elementar, ou como quem tateia o mundo e o interroga:

[illegible]

Talvez sejam aqueles que mais respeitam a inefabilidade da vida os que mais necessidade sentem de lhe proferir um rigor, e poetas seriam os que persistem nesse obstinado rigore de perante ela se inclinarem. Como quem se lhe afeiçoou.

 $\hat{A}$ 

SÃ³ eles sabem sob quanta solidÃ£o e quanta melancolia, por quanta resignaÃ§Ã£o e no entanto ao gosto de quanta plenitude. NÃ£o seria pois AntÃ³nio GedeÃ£o menos pedagogo que seu irmÃ£o, e irmÃ£o de sangue, RÃ³mulo de Carvalho, como se ambos tivessem firmado um pacto de lealdade mÃ³tua; e tudo indica que a ironia e a gravidade postas por RÃ³mulo de Carvalho na legÃtima prÃtica de afirmaÃ§Ã£o e seduÃ§Ã£o pedagÃgica â€“ afina nessa outra forma de eloquÃncia poÃtica que terÃ£o sido as suas aulas â€“ nÃ£o terÃ£o sido menores do que aquelas mesmas gravidade e ironia que AntÃ³nio GedeÃ£o punha no legÃtimo exercÃcio retÃrico do escritor. Essa eloquÃncia poÃtica, ainda quando o seu ofÃcio poÃtico nÃ£o fosse revelado, parece na verdade ter correspondido a uma grande necessidade de compreensÃ£o do universo, a uma aprendizagem de vida e ao gosto puramente humano da sua partilha: porque, para o poeta que ia num e noutro, o formal, como expressÃ£o da inteligÃncia e da capacidade de abstracÃ£o do Homem, sÃ em nome dela, de uma grande exigÃncia de justiÃa e de verdade e de uma grande exigÃncia de sentido â€“ que Ã como quem diz de uma grande exigÃncia de libertaÃ§Ã£o â€“ se justifica. E lhe justifica cada palavra, cada verso, cada frase ou liÃÃo.

Esta é desse ponto de vista uma atitude eminentemente moral, se bem que não é propriamente moralista ou de intuítos moralizantes, i. é, impõe-se menos como preceito apriorístico de conduta que como preceito, ou princípio, de dignidade humana (eu ia a dizer, hoje, de sobrevivência dessa dignidade) decorrente daquela sistemática atenção ao mundo circundante, ao mundo da razão e ao mundo dos sentidos. Numa espécie de amorosa aplicação. E decorrente também da suspeita metódica (quase pessoana, não fosse a peculiar capacidade de Antônio Gedeão amaciar e em todos os sentidos harmonizar tudo o que nele porventura haja de pessoano) do non-sense de um e outro. Ainda que muitas vezes calada, ainda que nem sempre confessa. Em todo o caso aqui ou ali insinuada:

"Chamei o meu ser que pensa  
para ralar com o que sente  
Sempre que os ponho em presença  
sorrio, piedosamente.

Ostinato Rigore: curioso que neste contexto um tÃ-tulo de EugÃ©nio de Andrade “ e com ele a grande referÃªncia da cultura humanista que Ã© Leonardo da Vinci “ inesperadamente ocorra. E no entanto, o sentido que isso tem.

Quando Ant3nio Gede3o publicou o seu primeiro livro de poemas, Movimento Perp3tuo, 1956, e quando Eug3nio de Andrade publicou Ostinato Rigore, 1964, j3 n3o era tanto aquela 3«pura3», fria lucidez pessoana que ocupava a consci3ncia e o gosto po3tico da gera33o a que ambos literariamente pertencem, se bem que biologicamente separados por dezassete anos; sequer o do n3o menos pungente, embora bem mais musical, confessionalismo emocional das tens3es 3ntimas de um M3rio de S3 Carneiro, aquele 3«Quase3» (3«Um pouco mais de sol 3 eu era bra | Um pouco mais de azul 3 eu era al3m3») e aquela Dispers3o. Resolvida que fora, formalmente, a subvers3o de valores liter3rios e po3ticos em boa hora praticada pela gera33o de Orpheu, no sentido de uma adequa33o da escrita 3 pr3pria verdade dos seus m3ltiplos sentidos, e consolidada, at3 em termos te3ricos, pela da presen3a; resolvidas que

havia sido, assim, as perplexidades do movimento modernista; e saudavelmente ultrapassados os limites da deriva neo-realista dos anos quarenta – era agora o tempo em que os poetas organizavam versos como quem plasmava sentidos e saberes elementares e como quem, já, com a consciência do peso de cada palavra, nelas procurava acima de tudo uma depuração. A delas mesmas e aquela que advinha da sua articulação na frase, ou no verso, e nos seus ritmos.

E eram outras as ambivalências que os moviam, ou, se não deixavam de ser as mesmas na universalidade dos temas (não tanto na dos motivos), era outra a forma de com elas se confrontarem. Fosse, como foi o caso de Eugénio de Andrade, para cantar a sensualidade das nascentes, uma água, uma transparência, o fluir dos rios, os sinais do amor ou os meandros da sua afirmação, o romper das manhãs ou o encontro dos corpos; fosse, como António Gedeão, de uma maneira mais insinuada, mais sugerida do que exposta, mais implícita do que explícita, para a tudo isso devolver uma razão de ser e um sentido. Mais: para lhes descobrir – e pôr subtilmente a descoberto – uma inteligência dos sentidos, uma serenidade.

Foi essa ainda a década dos Cadernos de Poesia, da Tróvula Redonda e da Árvore, a da maior afirmação de Ruy Cinatti, de Sophia, de Jorge de Sena mesmo por entre a truculência, nem sempre assim tão subtil, de muitos dos seus versos; a de Ramos Rosa e de David Mourão-Ferreira. E incluíamos a –, nessa década de um lirismo tão decantado, também Alexandre O'Neill e João Rui de Sousa, não fosse a muito individual, às vezes quase trágica ainda quando terna, força da veia satírica de um, e a circunstância de ser já de sessenta a estreia poética do outro.

A todos une uma poética da imanência e a busca de uma unidade elementar, onde a palavra com as suas diversas componentes linguísticas assume finalmente o valor plástico e musical que a modernidade lhe atribui na sua função de comunicação, com a carga simbólica e expressiva que é sua e com o melhor da sua vocação retórica, mas à margem de uma qualquer missão social que a queira com maior ou menor legitimidade justificar ou a que o seu autor a queira vincular, mais ainda à margem das perversões de ordem religiosa, ideológica ou política que tantas vezes se lhe colam.

Não deixa em todo o caso a poesia de António Gedeão de corresponder, creio que também para além dos limites de quaisquer fronteiras nacionais, a uma persistente vocação humana e humanística, acabando uma espécie de melodia muito antiga, um qualquer, indefinido eco de um ritmo manso e de uma cadência – uma música que nos canta de muito longe, quem sabe de que perdida ou difusa memória do nosso imaginário. Julgo ter sido no desejo de invocar de uma função eminentemente universal, humana e unitária da música na sua (essa sim: antima) vinculação à poesia, i. é., no sentido filológico mais remoto do termo e enquanto função de uma linguagem, nesse sentido mais próximo de uma vocação do que de uma missão, que David escreveu um dia uma Ode à Música (1980), para perto do fim concluir: «Sã tu a cada instante nos declaras | que renegas a voz de quem divide | [ê] Que os do próprio Universo o que o sublima [...]».

Admito que, independentemente de outros aspectos da sua indiscutível qualidade formal, ou das boas causas que, quer se queira ou não, serviu, isso possa explicar em parte a popularidade que ganharam alguns dos poemas de António Gedeão, através da sua harmonização e divulgação pelo canto, nomeadamente o canto de protesto nos anos sessenta e setenta. Admito isso quanto à relativa popularidade e à divulgação da sua mensagem humana, que não tanto a uma significativa motivação para o contacto directo com os seus livros (por razões de ordem histórica e social que não vou aqui ao caso, era já então uma elite que tinha o hábito de ler, embora creia que se lia então mais poesia do que hoje).

Para quem não tenha tido o privilégio de conhecer pessoalmente Rômulo de Carvalho ou ser seu aluno, essa motivação para uma abordagem e um conhecimento mais sério da sua obra poética terá vindo, virá sempre, sã pode vir acima de tudo da sua própria leitura e, nela, de uma atenta, necessariamente aplicada, disponibilidade para o seu canto antinómico – justamente aquele que advém da música dos seus versos, da articulação dos seus ritmos e dos seus sentidos mais antigos, da sua ressonância profundamente humana e do seu significado universal. Sempre «em procura da última medida». E terá sido em boa parte isso o que, de simultaneamente tão moderno e tão intemporal, lhe deu contornos tão clássicos.

Não por acaso, vários daqueles poetas seus contemporâneos lhe dedicaram atentos ensaios. Mas deve desta plácida (ou chamemos-lhe antes, na presente circunstância, constelação, que em linguagem da Astronomia lhe é sinónimo) destacar-se Jorge de Sena: porque o já histórico Prefácio, de 1964, que Sena escreveu para as primeiras edições das Poesias Completas de Gedeão, seguido de um Post Scriptum de 1968, aparece reproduzido no volume que agora reúne todos os seus textos, alguns inéditos, e não só de poesia (António Gedeão – Obra Completa. Lisboa: Relógio de Água, 2004); porque no mesmo volume se incluem as cartas que, por causa daquelas primeiras publicações e na sequência da revelação da sua identidade, Rômulo de Carvalho lhe dirigiu, i. é., a parte que lhe coube da correspondência que trocaram (entre 1958 e 1977), antecedida, aliás, de umas «Breves Palavras» deste sobre as relações entre ambos; mas acima de tudo pelo muito que esses documentos iluminam a abordagem da poesia de Gedeão e pelo muito que dão a conhecer das afinidades que sob um trato um tanto cerimonioso ligavam dois grandes poetas e dois grandes homens de tão diversa personalidade.

Sub-intitulado «Esboço de Análise Objectiva», aquele Prefácio sobre «A Poesia de Ant3nio Gede3o» terá provavelmente dado ent3o a conhecer ao leitor comum mais sobre as virtualidades e capacidades de análise crítica de Sena do que sobre as virtualidades poéticas de Gede3o. Mesmo para os iniciados em estudos literários, e à margem da celeuma ou, como o próprio lhe chamou, do escândalo que tenha suscitado, 3o de facto dos textos mais herméticos de Jorge de Sena, na linha, aliás, dos seus aturados e rigorosíssimos estudos sobre Camões, sobre o soneto quinhentista peninsular, etc. O que evidentemente não obsteu a que constituísse homenagem e estímulo para uma personalidade igualmente superior — se bem que, ao que tudo e também a sua escrita indicia, mais modesta — como Rômulo de Carvalho prosseguir no seu labor poético a par da sua dedicada e escrupulosa actividade profissional. Do que as cartas dão, entretanto, sentido testemunho.

São poucas e são poucas as cartas que ambos trocaram, apenas uma meia dúzia. Mas são um notável, porque hoje raro, exemplo de efectivo testemunho literário a justificar e a legitimar a sua publicação. Para além daquelas em que, a pretexto de lhe agradecer, comenta uma ou outra obra de Jorge de Sena — e também a —, naturalmente, denuncia a sua própria atitude literária — refiro-me em particular, porque 3o de Gede3o que no presente catálogo se trata, as datadas de 9 de Dezembro de 1958, de 29 de Dezembro de 1963 e de 24 de Março de 1974.

Rômulo de Carvalho escreveu-lhe a carta de Dezembro de 1958 a propósito da inclusão de Ant3nio Gede3o na antologia daquela que será sempre uma obra de referência fundamental para qualquer estudioso da literatura portuguesa: as S3ries de L3ricas Portuguesas, primeiro editadas pela Portug3lia Editora, sendo depois os dois volumes da 3.ª s3rie (1958 e 1972) — justamente a s3rie que 3o da responsabilidade de Jorge de Sena e por ele prefaciada — reeditados em 1983 e 1984 pelas Ediç3es 70. Conforme modelo da colecç3o a antologia 3o precedida de uma apresentaç3o do poeta antologado — essa, sim, em informaç3o e s3ntese crítica, do melhor que tem sido feito pela sua divulgaç3o. Não resisto a transcrever literalmente algumas passagens desta carta:

"[3o] Gostei muito de ler a sua prosa viril, 3s vezes levemente castigada com prejuízo da fluidez [3o]. Não se canse de impor a relacionaç3o dessas variáveis sociais, que tanta gente responsável julga independentes, fazendo-a sentir aos homens [3o]. O que mais admirei no seu Prefácio foi exactamente essa visão de um mundo em bloco, essa consci3ncia carnal de que somos c3lulas de um tecido vivo".

Menos generalistas são os aspectos que gostaria de destacar na carta de 1963 — a carta em que acolhe com o maior prazer a incumb3ncia de Jorge de Sena prefaciar igualmente a ediç3o dos seus poemas —, designadamente aqueles aspectos que se prendem com as suas leituras preferenciais e com a sua atenç3o ao mundo literário como parte do mundo circundante:

"[3o] Tenho grande admiraç3o pela sua obra, pela invulgar e inc3moda lucidez com que dissecos os temas em que toca [3o] Acompanhei sempre todo o movimento literário do meu tempo. Vi nascer o Jos3 R3gio, o Torga, a presença [sic, refere-se evidentemente à revista de 1927-40, que representa o nosso segundo movimento modernista e que fazia quest3o de grafar o seu próprio título com inicial minúscula], li-os todos. [3o] Li todos os jornais e revistas literárias posteriores ao Orfeu [3rg3o do nosso primeiro modernismo, 1914-15]. Li sempre muita poesia e sempre senti maior interesse por Camões, Ces3rio e Ant3nio Nobre [3o]."

Entretanto, não 3o, curiosamente, sem uma reserva, não 3o sem um mas que se refere a Fernando Pessoa:

"[3o] Custa-me (veja lá) ligar o nome de Pessoa ao do modernismo. Pessoa 3o um poeta muito antigo, nascido num tempo moderno. 3o um grande poeta, sem dúvida, mas uma voz distante [3o]."

Que me seja desculpado o abuso, se o for, da interpretaç3o, mas alguma coisa me diz que a distância a que delicadamente Gede3o se reporta não 3o apenas a do tempo que separa antigos e modernos. Aliás, reconhece mais adiante na mesma carta:

"[3o] 3o por didactismo, e não por amor da tradiç3o, que insisti em formas clássicas de poesia [3o]."

Apetece corrigir um pouco a formulaç3o para dizermos: terá sido por sincero didactismo que Ant3nio Gede3o insistiu em formas clássicas de poesia, mas não o terá sido com menos amor dessas formas clássicas; nem, nesse sentido, e só nele, com menos amor da tradiç3o do que da modernidade do seu tempo.

Penso sobretudo que a poesia de Ant3nio Gede3o soube, com a naturalidade e a serenidade de que são os melhores são capazes, num esforço de depuraç3o e equil3brio formal que tem de corresponder antes do mais a uma grande autovigil3ncia da própria sensibilidade, realizar uma intelig3ssima e muito culta, também nesse sentido muito educada, s3ntese do clássico e do moderno. Pela muita humanidade que ela contém.

E pela terna ironia que 3o t3o sua, quase pueril na verdade dos seus termos. Não será despropositado mencionar aqui,

a par dos inúmeros títulos de divulgação científica e histórica publicados em vida no âmbito das suas preocupações de ordem pedagógica, as palavras que do Autor os herdeiros evocam no prefácio ao enternecedor livro postumo intitulado *As Origens de Portugal* — História contada a uma criança, quem sabe se na secreta convicção ou pelo menos na pequena esperança de que não tenha sido esse, discretamente, um dos seus menores legados:

"[ê!] Muitas pessoas aborrecidas ficam bem dispostas quando lêem versos. Por isso ser grande poeta é tão útil como ser grande médico ou ser grande engenheiro."

Não conheço, entre médicos, matemáticos e engenheiros, discípulo de Riçulo de Carvalho que não se lhe refira com grande respeito, orgulho e delicadeza. E também quase sempre com um sorriso manso, mas grave — nem que seja apenas no recitar-lhe alguns versos avulsos. Como quem sabe, ou suspeita, que, ao evocar a sua grandeza moral, a sua ironia fina, o seu exemplo pedagógico e de comportamento, a sua natureza afável e a sua sabedoria, é portador da responsabilidade de uma outra exigência de equilíbrio, de uma outra scientia: aquela que não se cinge à clareza da informação teórica e empírica transmitida nos compêndios, nas obras de divulgação científica que o mestre lhes deu a estudar ou através das suas próprias lições; aquela que a outro rigor e a outra obstinação se resume, como se eles fossem os últimos herdeiros de um resto de humanidade.

E quanto a nós, na evocação e na procura da afabilidade dos nossos vivos, dos nossos poetas e dos nossos mortos, o legado de vida que a nós mesmos devolvemos: in memoriam.

Que concerto humano é este hoje, em que apenas uma dispersão nos pontua os tempos, apenas uma melancolia nos segura? No desencanto que não será maior nem menor do que aquele a que obriga o processo de crescimento de todos nós, durante muito tempo, sem que saiba já exactamente quando nem porquê, dei comigo a invocar regularmente para mim mesma estes versos soltos que mais tarde verifiquei corresponderem afinal a uma minha corruptela inconsciente de um verso de Fernando Pessoa: eu queria ser rio | e correr.

Nos últimos anos, por entre o barulho e a patologia do nosso quotidiano, neste areal deserto correndo em linha recta, presto, presto, ou como se um desejo [me] chamasse ou como quem fixa o breve ponto onde se encontram | além de todo o longe | as rectas que se dizem paralelas, demorei-me um dia mais atentamente nessa bela elegia que é o «Poema do Cão ao Entardecer», de António Gedeão, por uma linha recta mais suposta | que o areal e o mar:

#### POEMA DO CÃO AO ENTARDECER

"Um cão no areal corria presto.  
Presto correria o cão no areal deserto.

Era ao entardecer, e o cão corria presto  
no areal deserto.

Corria em linha recta, presto, presto,  
pela orla do mar.  
Pela orla do mar, em linha recta,  
corria presto, o cão.

Era ao entardecer.  
No areal as águas derramadas  
nas angústias do mar  
lambuzavam de espuma as patas automáticas  
do cão que presto, presto, corria em linha recta  
pela orla do mar.

Sem princípio nem fim, em linha recta,  
pela orla do mar.

Era ao entardecer,  
na hora espessa, peganhenta e húmida,  
em que um resto de luz no espasmo da agonia  
geme nas coisas e empasta-as como goma.  
No espaço diluído, esfumado e cinzento,  
corria presto o cão no areal deserto.  
Corria em linha recta, presto, presto,  
definindo uma forma movediça  
que perfurava a névoa e prosseguia

pela orla do mar, em linha recta,  
focinho levantado, olhos estáticos,  
fixando o breve ponto onde se encontram  
além de todo o longe  
as rectas que se dizem paralelas.

Alternavam-se as patas na cadência,  
na cadência ritmada do movimento presto,  
deixando no areal as marcas do contacto.  
Presto, presto.

Como se um desejo o chamasse, corria presto o cãão  
no areal deserto.  
O ritmo sempre igual, a língua pendurada,  
os olhos como brocas, furadores de distâncias.

Em seu último espasmo a luz enrodilhou  
o cãão, o mar, o céu, o próximo e o distante.  
Era um suposto cãão correndo presto, presto,  
num suposto areal, realmente deserto,  
por uma linha recta mais suposta  
que o areal e o mar  
Mas presto, presto, sempre presto, presto,  
ia correndo o cãão no areal deserto."

Desde então, outra a frase que a espalhos, compassadamente, me ocorre e  
acompanha: eu queria ser cãão "e morrer.

E a - que cabe esta outra passagem de uma carta a Jorge de Sena, justamente a já referida carta de 24 de Março de 1974:

Como autor em causa não quero referir-me à sua extraordinária lucidez, à minúcia e à profundidade do seu espírito crítico e observador [!]. O que eu quero agora admirar é a sua humanidade, essa que tornou possível ler um livro, sentindo-o. (O itálico é nosso.)

Há tão boas ressonâncias de outros clássicos e de outros modernos em Gedeão. Não são poucas, nem inferiores ou menos significativas, as camonianas, de que é supremo exemplo o «Soneto» dedicado Ao Luís Vaz, recordando o convívio da nossa mocidade.

Mas é ainda uma vez de ressonância e rigorosa articulação seniana a voz, talvez antiga, talvez clássica na sua contensão, mas não distante, é antes como uma velha e boa melodia, sensualíssima, aquela que nos chega do seu

## POEMA DO ADEUS

"Exigem novas leis que os olhos não se alegrem  
quando as folhas das árvores lhes acenam;  
quando o lagarto ao Sol o erótico pescoço,  
erecto e circulante  
como um radar,  
transforma as ondas mansas  
em lâmpadas tensas.  
Não mais murmúrios de águas nem aromas de pinhos  
que os ouvidos antigos recolhiam  
e os narizes hauriam sequiosos  
como exaustores de fumos;  
não mais abrir os olhos e fechá-los  
sob a língua da luz lambendo morna  
o convexo das pálpebras;  
não mais levitação do corpo no silêncio,  
o porte da doninha na iminência  
do que nunca acontece.  
Pois que sejam meus olhos que ao fecharem-se  
levem consigo a imagem derradeira  
da fragância poética do mundo;  
que em meu rosto bafeje o último hálito

das magas transparências inventadas;  
 que nele roce a Áltima das aves,  
 de bençóvolas asas estendidas  
 que em construções cãus nos redimiram  
 da frágil condição de ser humano;  
 que as Últimas mensagens  
 dos emissores piratas, clandestinos algures  
 no fundo dos cristais,  
 no pistilo das flores,  
 nas escamas dos peixes,  
 encontrem meus ouvidos.

Que a terra me seja leve."

Sã quem, como Antnio Gedeão, se aventura e obstina a sondar a respiraço dos dias lhes conhece os cambiantes de luz e som, as surpresas da sua harmonia interna, o rigor de uma geometria. Como quem até ao fim persiste amavelmente em dizer: no sem-sentido da vida o sentido que ela tem.

Lisboa, Maio 2006